



DOS VERSOS PARA REGURGITAR: GASTRONOMIA E ESCATOLOGIA EM FÁBIO GONDIM (2017)

Erick Vinicius Mathias Leite¹

Resumo: Fábio Gondim, em seus *Versos para lamber* (2017), prepara uma verdadeira experiência gastronômica e literária, composição elaborada pela inclinação sinestésica do poema e da temática alimentar. Outrossim, o ato de lamber e a sensorialidade do paladar são evocados inclusive na partição dos textos e na editoração do material. Contudo, o livro guarda uma segunda experiência escondida pela viagem sensorial: o repugnante e o asqueroso contidos no vocabulário escatológico do poeta. Nosso objetivo, neste artigo, é analisar essa mão dupla da poética do nosso *corpus*, em uma abordagem panorâmica do texto, buscando desvendar essa meta-poética gastronômica (MONTANARI, 2009; SAVARIN, 1995) e escatológica (HUGO, 2002; BAKHTIN, 1999) de Fábio Gondim (2017).

Palavras-chave: Gastronomia. Escatologia. Poesia.

ABOUT THE VERSES TO THROW UP: GASTRONOMY AND ESCHATOLOGY IN FÁBIO GONDIM (2017)

Abstract: Fabio Gondim in his *Versos para lamber* (2017) prepares a true gastronomic and literary experience, a composition created by the synesthetic inclination of the poems and the food theme. In addition, the act of licking and the sensoriality of the palate are evoked even in the partition of the texts and even in editing the material. However, the book keeps a second experience hidden by the sensorial journey: the repugnant and disgusting contained in the poet's eschatological vocabulary. Our objective in this article is to analyze this two-way poetics of our corpus, in a panoramic approach to the text, seeking to unveil this gastronomic (MONTANARI, 2009; SAVARIN, 1995) and eschatological (HUGO, 2002; BAKHTIN, 1999) meta-poetics of Fábio Gondim (2017).

Keywords: Gastronomy. Eschatology. Poetry.

Introdução: dos versos para lamber/regurgitar

Ler é uma virtude gastronômica: requer uma educação da sensibilidade, uma arte de discriminar os gostos (ALVES, 2007, p. 49).

Saber e sabor possuem a mesma etimologia em latim. Essa origem em comum nos oferece uma margem para associar vários aspectos do conhecimento epistêmico

¹¹ UFMS/CAPES. ORCID: 0000-0003-2474-2191.

com a gastronomia, no caso deste artigo, a literatura. *Versos para lamber* (2017), de Fábio Gondim, reserva uma editoração muito peculiar, sua primeira edição foi pensada para ser lida regularmente e inversamente, com poemas, prefácio, orelha e os demais elementos paratextuais reproduzidos também ao contrário para que o leitor, à medida que os lê, tenha que girar o livro, imitando o movimento do ato de lamber um chupete arco-íris (pirulito psicodélico).

A *lambeção* também se elabora numa repartição de capítulos que são divididos em seis sabores, a saber: amargos, azedos, salgados, doces, umamis e guaranis. A relação dos sabores com os poemas se executa não pela sua referencialidade gráfica, mas pela metáfora, como os amargos que dão nome ao conjunto de poemas que tratam da amargura das relações amorosas, e os azedos que se referem à angústia constante da vida carregada de infortúnios. Neste artigo, estamos mais interessados em investigar os poemas que tensionam a relação que Gondim (2017) traça entre o ato de escrever e as metáforas alimentares, a que chamamos aqui de “meta-poética gastronômica”.

Versos para lamber (2017), a partir desses elementos, propõe uma viagem sensorial pelo sabor da linguagem. O que não está descrito na passagem é o dissabor escondido no (re)verso do texto. O uso constante de vocabulário escatológico imprime uma experiência antitética à proposta explícita do material, não a do deleite, mas a do desprazer, do repugnante e da náusea. É a surpresa incontornável escondida por entre os (dis)sabores do livro que nos incumbiremos de deslindar neste artigo.

Para nos guiar nesta viagem saborosa e regurgitante, elegemos, em especial, as articulações de Massimo Montanari (2009) e Brillat-Savarin (1995) para estabelecer a relação entre gastronomia e literatura; Mikhail Bakhtin (1999) e Victor Hugo (2002) para tratar do grotesco e da escatologia.

O inverso do verso: uma meta-poética gastronômica

A relação entre gastronomia e literatura não é recente, desde o “O jantar de Trimalquião” do *Satiricon* na antiguidade clássica até o banquete na Ilha dos Amores em *Os Lusíadas*, entre outras dezenas de exemplos de comida e poesia, percebemos que a ligação entre *sapere* (saber) e *sapore* (sabor) é paisagem conhecida na arte literária. Massimo Montanari (2009, p. 11) reitera que a ligação entre linguagem e gastronomia vai muito além da etimologia:

A cozinha tem sido equiparada à linguagem: como esta possui vocábulos (os produtos, os ingredientes), que são organizados segundo regras de

gramática (as receitas, que dão sentido aos ingredientes, transformando-os em alimentos), de sintaxe (o cardápio, isto é, a ordem dos pratos) e de retórica (os comportamentos do convívio). A analogia não funciona apenas no plano técnico-estrutural, mas também para valores simbólicos dos quais ambos os sistemas são portadores. Exatamente como a linguagem, a cozinha contém e expressa a cultura de quem a pratica, é depositária das tradições e das identidades de grupo. Constitui, assim, um extraordinário veículo de autorrepresentação e de comunicação.

Para Montanari, assim como a linguagem, a gastronomia também está carregada de significado e ambos são passíveis de serem aniquilados e restaurados na esteira do tempo, e implicam, antes de tudo, uma maneira de compreender o mundo e estabelecer relações sociais. Assim como a literatura, a gastronomia também é representação e resulta em uma maneira de conceber a realidade e interpretar o coletivo. É a partir dessa relação entre alimentação e sociedade que buscaremos deslindar a meta-poética gastronômica de Fábio Gondim (2017).

Para Nuno Medeiros (2015, p. 40): “Editar o livro funciona, afinal como maneira não aleatória de recorte social das formas de representar as coisas e as ideias”. Para o crítico, a edição também é pensada para oferecer fruição ao leitor e, como apontamos anteriormente, a materialidade dos *Versos para lamber* (2017) foi elaborada de forma a suscitar o ato de lamber. Cada página contém dois poemas, estes seguem a temática vertical que é anunciada no início de cada capítulo, sempre dois sabores para que, à medida que o leitor progride na leitura, vá girando o livro para experimentar um novo sabor de poema, cotejar os gostos e fruir dessa experiência sensorial. Na maior parte dos poemas a relação com os sabores é metafórica e aponta para um elemento que está mais para a linguagem do que para a gastronomia. Contudo, são as metáforas alimentares que nos interessam neste estudo, as referências ao universo gastronômico que moldam a meta-poética do texto.

Para contemplar a visão panorâmica da nossa proposta, analisaremos vários poemas e alguns fragmentos em conjunto. Por conta da formatação da primeira edição dos *Versos para lamber* (2017), as páginas não contêm numeração, já que podem ser lidas da esquerda para a direita e vice-versa.

Trazemos os textos reproduzidos a seguir:

versos para lamber

na janela da voz,
sobre a foz do forro da língua
toda palavra é comida

cada frase cuspidada
é verso lambido
- e dissolvido -
no ácido do estômago
da alma do outro

(GONDIM, 2017, s/p)

Ofício

o poeta
é um procurador
de palavras
que precisavam
se encontrar

(GONDIM, 2017, s/p,
grifo nosso)

milésimo

o tamanho da medida
obedece ao mirante de cada tento.
os olhos fingem saber.

assim como o sal se revela no forro
da língua,
só lambe os beiços de poesia
aquele que não tem papas na alma,
freios no tino.

a loucura ciente do poeta,
se alimenta dos diversos sabores
dum naco de coisa insossa qualquer.

tempera a palavra quem a lê

(GONDIM, 2017, s/p)

O acerto de contas

há um labirinto no teto da boca
para onde vão abduzidas
palavras que se lançam
nautoestrada da língua [...]

(GONDIM, 2017, s/p, grifo
nosso)

Para Massaud Moisés (2012, p. 299, grifo do autor): “a literatura é a única arte que pode ser objeto de si própria, tornando-se *metaliteratura*”, desse modo, o meta-poema, ou seja, aquele que é objeto de si mesmo, é uma constante na poética de Gondim (2017) e se estende por vários poemas dos *Versos para lamber* (2017), associado às metáforas alimentares, molda aquilo a que chamamos “meta-poética gastronômica”. O eu lírico nos poemas “versos para lamber” e “milésimo”, como em tantos outros, relaciona o poema com a comida, e o ato de ler poema com o de se alimentar. A relação entre os órgãos do aparelho digestivo também são uma constante, a alimentação se amalgama ao poético tanto em seu aspecto físico quanto fisiológico.

Em dois dos textos supracitados, há a expressão “forro da língua”, da mesma maneira, o poeta possui uma série de palavras, expressões e analogias que se repetem ao longo do livro (labirinto, limbo, lenho, quengos, “vassourinha dos olhos”, etc), como ingredientes que, apesar de serem limitados, combinados servem para preparar um número ilimitado de receitas. Os textos não possuem letras maiúsculas, nem quando se trata de substantivos próprios, contudo, a pontuação regular da norma culta é preservada. As palavras se colocam como alimentos crus na sopa do poema, a iminência de neologismos ocasionados por aglutinação de palavras, como “nautoestrada” e “seencontrar”, são os ingredientes que se misturaram no processo de cozimento.

Em “versos para lamber” (poema) há a analogia do ato de se alimentar com a fruição do poema. A palavra lida é também comida e a digestão nada mais é que a reverberação da poesia na alma do leitor: “a imagem que a leitura do poema nos oferece faz-se verdadeiramente nossa. Enraíza-se em nós mesmos” (BACHELARD, 1993, p. 7). Em “milésimo”, a experiência gastronômica ainda reitera o fato de que para reconhecer o sabor de certos poemas é necessário um paladar aguçado. Assim como as iguarias, alguns poemas exigem uma apreciação mais refinada e especializada. Contudo, a poesia não é formada apenas de sabores atenuantes, o insosso também faz parte do cardápio, como as palavras truncadas do poema que vão receber a interpretação/tempero a gosto do leitor.

Para Jean Anthelme Brillat-Savarin (1995, p. 25): “A gastronomia é o conhecimento fundamentado de tudo que se refere ao homem, na medida em que ele se alimentava”. O filósofo alega que a gastronomia é antes de tudo um fator cultural, a culinária implica necessariamente a articulação de um conhecimento humano, atravessado pela cultura, a tradição, e protocolos de determinada classe ou grupo social. Nesse sentido, ao entrar em contato com a produção de Fábio Gondim (2017), podemos perceber esses elementos determinantes inspirando os versos e as receitas. “ponta porã”, “corumbá”, “jardim”, “br 267”, “br 163”, o ipê do cerrado, “manoele de barros”, entre outras referências, são ingredientes regionais e patentes ao longo dos *Versos para lamber* (2017) e formam pratos típicos de Mato Grosso do Sul.

A seguir trataremos de outro aspecto da poética de Gondim: a escatologia. Para tanto, encontramos luz no “realismo grotesco” para interpretar *Versos para lamber* (2017). O realismo grotesco trata-se da retomada de uma premissa medieval, bem como pontua Bakhtin (1999), também a compreendemos como uma retomada da “estética do feio” mencionada por Hugo (2009) e como forma de paradigma moderno de rompimento com a arte academicista.

No verso do verso: do grotesco e do escatológico

A presença do grotesco, ainda que funde a estética expressionista, alcunhada de moderna, não data do século XIX, é muito anterior. Desde a antiguidade clássica e ao longo de toda a história literária a premissa de romper com o paradigma da beleza promulgada por Aristóteles é patente. O *Satiricon* de Petrônio e os comportamentos medievais registrados em *Gargantua e Pantagruel* de François Rabelais são manifestações do grotesco na literatura. Entretanto, a premissa aristotélica do decoro era máxima na arte literária, o que reservava ao *gor* apenas aparições pontuais em detrimento do sublime.

Foi apenas com o Romantismo e seus valores avessos ao classicismo aristocrático que o grotesco ganhou manifestação plena na arte literária. A estética do feio é bem marcada nas palavras de Victor Hugo em seu prefácio a *Cromwell*:

a musa moderna verá as coisas com um olhar mais elevado. Sentirá que tudo na criação não é humanamente belo, que o feio existe ao lado do belo, o disforme perto do gracioso, o grotesco no reverso do sublime, o mal com o bem, a sombra com a luz (HUGO, 2002, p. 26).

A partir do Romantismo, o grotesco deixa de ocupar o escanteio da literatura para assumir um status poético. Os expressionistas alemães, ao final do século XIX, retomaram esse aspecto romântico para fundar sua subversão ao academicismo.

A manifestação do grotesco na literatura pode aparecer sob várias nuances, na construção a-lógica e na deformação aberrante, pontuadas nos estudos de Wolfgang Kayser sobre o grotesco romântico, e que também é chave de interpretação para o paradigma moderno que se encontra no Expressionismo, mas o que nos interessa é o humor de baixo calão deslindado por Mikhail Bakhtin em *A cultura popular na Idade Média e no renascimento: o contexto de François Rabelais* (1999), o que ele chama de “realismo grotesco”. Para o estudioso, a obra do autor de *Gargantua e Pantagruel* demonstra resquícios da cultura medieval, em especial a sátira degradante e o humor de baixo calão que tinham como horizonte vocabular o baixo corpo e a matéria fecal:

Rabelais faz alusão às denúncias, calúnias, perseguições dos agelastos contra a alegre verdade. Emprega uma invectiva curiosa: esses inimigos vieram para “criticar”, “acusar”, mas Rabelais vê aí o termo *cu* e dá-lhe assim um caráter injurioso e degradante. A fim de transformar esse verbo em palavrão, fá-lo aliterar com “*culletans*” (esfregando o *cu*) (BAKHTIN, 1999, p.149).

O grotesco em *Versos para lambar* (2017) se desdobra na mesma direção dos estudos bakhtinianos, o humor ácido que apela para os excrementos e os fluídos corporais, a que chamamos de “poética escatológica” (do grego *skatós*: excremento, fezes). Semelhante à premissa gastronômica, reserva um conjunto de vocábulos que se repetem ao longo de todo o livro, mas, ao contrário do primeiro, provocam o asco e a repugnância, a saber: “urina”, “baba”, “cagar/cagado”, “vômito/vomitar”, “buraco”, “cu”, etc. De igual modo, Gondim perfaz uma meta-poética, em que, neste caso, o ato poético é moldado a partir do aspecto escatológico. Trazemos alguns poemas transcritos abaixo a fim de ilustrar nossas proposições:

versão

no mofo do osso,
na gota vocal do pescoço,
toda palavra presa na garganta
é sempre solta na outra ponta da boca.

logo ali no verso digestivo do
verbo,
no *cu* da alma.

(GONDIM, 2017, s/p, grifo nosso)

impedição

não há melhor tempero
que aquele das coisas comidas
depois de caídas no chão.

nem há melhor rima
que a feita na surdina.
na entrelinha do olhar teso e defeso
das palavras acesas em castas opostas.

(GONDIM, 2017, s/p)

síndrome de barros

esse poeta de minha cidade,
o seu manóel.

criou tanto pombo no céu das letras,
que difícil é desviar
duma palavra *cagada*

(GONDIM, 2017, s/p, grifo nosso)

o grande encontro

uma descarga de milhares de volts
galopa o oco das veias,
vara o reumatismo dos nervos,
esvai na forma líquida de
constrangimento.

o cheiro de *urina* quente
rega as dobras curvadas sem dó.
a perda da fala.

dor que agulha as rapas da alma
quase falha dos sentidos,
minióboto no meio da cozinha.
limiar e extremo do desmantelo.

o encontro da quina do móvel qualquer
e o ossinho do cotovelo

(GONDIM, 2017, s/p, grifo nosso)

Por justamente não terem um capítulo específico que reúna os poemas de “sabor asco”, esses estão escondidos por entre os sabores da viagem gastronômica de Gondim (2017). Os versos para regurgitar estão no verso dos *Versos para lamber* (2017), ao virar o livro para saborear mais um poema o leitor se depara com o dissabor das metáforas escatológicas. É justamente dessas palavras que trata o poema “versão”, aquelas que não podem ser ditas e não encontram saída pela boca, procuram nas vielas do corpo outros caminhos para se concretizarem, para saírem imundas. Em “síndrome de Barros”, há a construção da imagem escatológica “palavra cagada” para designar o espaço da recepção que sempre delega aos poetas sul-mato-grossenses a sombra de Manoel de Barros, o que resta a dizer que já não tenha encontrado na produção manoelina sua representação mais plena? Resta ao poeta as lacunas poéticas, caso contrário corre o risco de pisar em uma “palavra cagada”.

Os dois últimos poemas supracitados desvelam o humor ácido dos *Versos para lamber* (2017). Na primeira preleção de textos que selecionamos como mote de discussão, o ato poético era comparado com a prática gastronômica, algo semelhante acontece em “impedição”, porém, neste caso, o melhor alimento para esta receita poética é a comida suja, que caiu ao chão, ou seja, a palavra suja, de baixo calão, é justamente aquela que garante o sabor raro ao prato/poema. Essa metáfora é bem explicada em “o grande encontro”, um poema sobre a dor que a batida do cotovelo com algum móvel causa, a presença da palavra suja “urina” é o ingrediente especial que atribui o sabor particular desta receita.

Conclusão ou o cu do texto

Versos para lamber (2017) de Fábio Gondim oferece uma viagem completa pelo universo sensorial da gastronomia, desde sua peculiar editoração até as metáforas alimentares que moldam sua meta-poética. A palavra lida também é comida, o primor do poeta é relacionado constantemente ao ofício do cozinheiro, este que possui seu acervo de ingredientes, neste caso, de palavras e expressões, que vão dar sabor aos poemas/pratos. Escondido no verso do verso está a propensão ao vocabulário escatológico que reserva o “sabor asco” ao longo da leitura.

A escatologia na meta-poética de Gondim conforma uma vertente dos estudos do grotesco que encontra nas palavras sujas a manifestação do humor ácido. Os versos para regurgitar não estão explícitos na proposta do livro, eles espreitam as receitas como alimentos caídos ao chão, que ao mesmo tempo que repugnam o leitor também garantem uma experiência sensorial à parte e única.

A gastronomia e a escatologia são os dois ingredientes principais que insuflam a meta-poética de Fábio Gondim. Nossa análise panorâmica desses dois aspectos buscou demonstrar que, antes de tudo, a genialidade do poeta transcende a mera taxação e esteriotipação que esses dois núcleos possam recair, e reiterar que, sem sombra de dúvida, *Versos para lamber* (2017) reserva o que há de mais refinado na poesia contemporânea, uma iguaria.

Referências

ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência**: o dilema da educação. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi. 4. ed. São Paulo/Brasília: Hucitec/Editora UnB, 1999.

BRILLAT-SAVARIN, Jean Anthelme. **A fisiologia do gosto**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GONDIM, Fábio. **Versos para lamber**. Campo Grande: Life Editora, 2017.

HUGO, Victor. **Do grotesco e do sublime**: tradução do prefácio de Cromwell. Trad. Célia Berrettini. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

MEDEIROS, Nuno. A edição de livros como formulação do mundo: ideias e casos. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 4, n. 2, jul./dez. 2015.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Editora Cultrix, 2013.

MONTANARI, Massimo (Org.). **O mundo na cozinha**: história, identidade, trocas. São Paulo: Senac São Paulo, 2009.

PONTES, José Couto Vieira. **História e Literatura de Mato Grosso do Sul**. São Paulo: Editora do Escritor, 1981.